



Gaíato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 489 — Preço 180
8 DE DEZEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAGO DE SOUSA
PROPRIEDADE: A OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAGO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



FACETAS DE UMA VIDA

Como já dissemos, a Mãe Te-reza morreu em 12 de Dezembro de 1913. É de quase um ano após, a primeira carta que encontramos nesta colecção de correspondência de família que temos tido em mãos. É do Pai. Com certeza ele começava a compreender quão infundados tinham sido os seus juízos sobre o Américo, no tempo da sua infância e adolescência. Esta carta reflecte

um grande coração. Ele havia mais filhos. Quase todos estavam mais próximos. Mas lá nas longes Terras de Moçambique, o Américo está atento ao que se passa na Casa paterna, e pronto para assegurar, da sua parte, o conforto e tranqüilidade de seu Pai. Nenhum ressentimento. Nenhum remoque. Grande escola para aquele magnânimo coração de Pai, que, mais tarde, tantas

vezes, havia de sofrer dos filhos que a sua caridade adoptara ingratições, incompreensão, e uma vez ou outra, mesmo salpicos de perfídia!

Ora leiamos com atenção esta carta de 31/Outubro/1914, dirigida pelo Pai Ramiro ao filho Américo, para vermos nela, como em um espelho, uma faceta do seu generoso coração:

«Américo

Cá chegou no dia 21 deste mês à minha mão a tua carta datada de 7 de Setembro. A leitura d'ela feriu-me a glândula lacrimal, cuja, sendo pouco sensível aos encontrões dos reveses da vida, facilmente abre ao roçar da aza das alegrias. E desta maneira vou ludibriando a impertinente humanidade, que hypocritamente lamenta as lágrimas do vizinho, supondo-as nascidas da dôr, e o felicita invejosamente pelo contentamento que lhe julga ler num sorriso.

A perda de banhas e tecidos adiposos de que te queixas, não significará falta de saúde, no entanto será prudente consultar um médico, pois que, factos de consequências mínimas, remediadas a tempo, resultam casos graves descuidados da nossa atenção.

O António tem avultadas melhoras de saúde e até certeza de cura, se Deus quiser, e para isso vai agora para o sanatório da Guarda, onde demorará até Março, na companhia de três condiscipulos e o Joaquim da Casa de Lamego, de S. Vicente, que lá se acham em tratamento.

Agradeço-te a mesada que pões à minha disposição. Porque esse acto representa um sacrificio e grande, exprimindo para mim os generosos sentimentos que teu coração abriga e o amor filial que me dedica. É ele o mais subido galardão conferido por um filho ao orgulho paterno, não como gratificação de serviços que aos filhos haja prestado, mas sim como reconhecimento dos bons desejos que guiaram minhas intenções.

Pelo que dito fica vêz que não careço os teus auxilios, mas se António carecer para completar a sua cura, disporei a favor d'ele desse dinheiro, com a condição d'ele te embolsar do que receber, vivendo e trabalhando.

Abraça-te o teu pai

Ramiro

Visado pela

Comissão de Censura



Outro dia fui ao Porto. Normalmente é por via de doentes que tomo aquele rumo. Levo em mãos carta com o nome de uma entrévada com chagas, moradora junto ao Marquês. Procuo a casita. E ao dar com esta já não encontro a doente que procurava. Faleceu — dizem-me. Fiquei triste. Tem-me sucedido isto dezenas de vezes. Se não vou imediatamente, arrisco-me a ouvir semelhante resposta nos poisos para onde me dirigi.

Vontade não falta de ir logo e sempre. Mas é que nem sempre e logo há camas vagas. Ao havê-las, porém, não as deixo vazias muitas horas. Mas quando saio nem sempre dou com aqueles que desejava recolher. O Senhor adiantou-se.

A nossa limitação não nos permite abarcar todos os problemas humanos. Mais: — os entraves de ordem material dificultam as ordens. Ainda que a vontade queira, somos limitados. Humanamente, este pensar dá sossego e aquieta a consciência: — eu não devo nem posso realizar mais do que as minhas

forças humanas permitem. Contudo, um cristão pode introduzir no peito todos os problemas do mundo. Fazê-los seus. Tomá-los para si. Sofrer com e por causa deles a impotência que condiciona o resultado. Pode afirmar todos os homens que têm nellos um irmão, que sente e vibra em unísono com eles, ainda que não lhes possa mitigar o sofrimento.

Isto de se ser cristão custa. Custa muito custa igualmente, se não mais, o ser-se padre. Já não só a própria cruz que pesa; são as dos irmãos também. E quando estes são todos homens, então a vida esmaga-nos por vezes.

São tantos os doentes que não podemos receber! Agora mesmo o telefone acaba de me anunciar que em Gaia um rapaz de vinte e três anos, paraplético totalmente de mãos e pés, vai ficar só, porque o pai e a mãe vão ser internados no Sanatório. Que dar em resposta, se todos os dias encontramos situações idênticas? Que lhes fique a certeza do muito que lhes queremos!

PADRE BAPTISTA

COBERTORES

Os senhores desculpem a insistência. Mas quem não é atendido pela oportunidade, espera da importunidade — e bate, bate sempre.

Ora desde que há anos Deus chamou a Si o Senhor dos Cobertores, ninguém tomou o seu lugar. Eram cinco contos redondos que todos os Natais vinham aqui dar. E nós íamos a Gaia, a um Armazém amigo onde os trocávamos por cobertores. E a esposa do dono do Armazém acrescentava de sua devoção uma pancadaria de chales. E nós vínhamos fornecidos para responder aos pedidos que nesta estação chovem à nossa porta, sem contar com o que vemos em casa deles.

Era assim: Dos cobertores novos, a Senhora refazia o nosso bragal e dos já usados (para evitar a tentação do «prego») íamos distribuir por aí fora. Era uma pequenina riqueza! E tudo por cinco contos!

Agora, sem eles, não vamos ao Armazém. Não indo, não surge a oportunidade dos chales. E aí ficam os nossos Pobres duas vezes diminuídos: menos cobertores e nenhum chale, daqueles que de dia andam aos ombros e à noite dormem na cama.

Portanto, os Senhores desculpem a insistência, mas o frio todos os invernos insiste e os Pobres insistem connosco e nós temos de insistir no prégão: Quem quer ser o Senhor dos Cobertores?!

Cantinho DOS RAPAZES

Eu sei que muitos de vós são leitores curiosos desses «Consultórios Sentimentais», «Confessionários Femininos» e que, jandando, em que se desperdiça papel e tinta em muitos jornais do nosso mundo. Se fora só tinta e papel o que se gasta, não entraria eu na liça... Pior é que se desgastem consciências, fracas de espírito, que empenham os seus problemas íntimos nas mãos de directoras espirituais, mais que duvidosas, a troco de falsas soluções consola-tristes, cozinhadas com muito sentimento e nenhum senso.

Já uma vez tive de denunciar uma tolice que bradava aos Céus. Chamaram-me, há dias, a atenção para outra, publicada em «O Primeiro de Janeiro» de 8/XI. Esta não é uma tolice; é uma ladaíinha delas. Valha-a Deus, à Senhora Confessora. E nós, ao menos, valha-nos a Censura. Ou não será assás a mal da Nação, contribuir para a desmoralização dos espíritos fracos de um Povo?!

CONTINUA NA PÁGINA DOIS

A * G * O * B * A

Cá vão, hoje, os das Casas a Prestações:

Berta e Jorge apareceram quatro vezes no total de 3.500\$00, relativos a Setembro (1 e 11), Outubro e Novembro. «Um pobre pecador» com mil prâ Casa de Jesus Crucificado e Ressuscitado e «é preciso andar mais depressa, pois faz frio e chove e há muita gente sem casa». E ele outra vez, com 1.500\$. Muitas presenças à Casa de N. Senhora das Candeias: duas em Agosto, uma em Setembro, outra em Outubro, mais a de Novembro, esta logo uma passada em frente de três mil. Helena duas vezes com 200\$00 de cada. A Casa Encontro levou três achegas de 1.500\$+1.500\$+3.500\$. e Salvé-Rainha três de mil.

Para a Casa de S.ta Filomena a 9.ª prestação de 50\$00. «Um assinante de «O Gaiato», de Lisboa, fica na 35.ª pedra de 100\$. E «uma Mãe amargurada, mas confiante em Deus», manda 60\$ e «para o mês que vem quero ver se fico em dia».

Duzento do «sempre feliz casal de noivos». Sempre assim seja. Mil, «para amortização da minha promessa de 12.000\$00». É Escalos de Baixo. Metade de Maria, de Lisboa, a quem pedimos o favor de indicar a legenda que propôs para a casa. O mesmo de Mutuáli para a Vivenda de S. José. É a 7.ª prestação. 200\$ da Maria Helena, de Torres Novas, em Outubro e outro tanto em Novembro. Quinhentos, «para cumprimento do voto que há anos fiz, de mandar sempre que os meus filhos passarem nos seus estudos». É para a Casa dos Estudantes. 400\$+200\$ para

a Casa Avó Ema. Que a neta tenha boa viagem até essa paradisíaca Ilha de S. Tomé. E até à volta se Deus quiser. Atenção Cruz, da Beira. Até 12 de Agosto passado vieram 13.900\$ para a Casa Graças a Deus. Os mil de Setembro+500\$ de Outubro mais mil de Novembro são, pois, para a Casa Graças à SS.ma Virgem. E o Júlio acrescenta um N. B.: «Faça favor de pedir a este Senhor ou Senhora, o favor de nos enviar sempre o talão de depósito». Mil para a Casa Carolina. Metade para a Casa Jesus, salvai os que sofrem.

Agora, vem aí a «Mãe que crê em Deus». Três presenças de 100\$00 por Setembro, Outubro e Novembro. Fora o que manda pró «meu velhinho» do Barredo. Judith com a 41.ª e 42.ª pedras de mil para a Casa de Minha Mãe. E 100\$00 relativos a Setembro de um engenheiro de Lisboa.

O Assinante 6790 tem apressado o passo ultimamente: 100\$00 em Setembro; cinco vezes mais em Outubro; e outra vez a mesma façanha em Novembro. E mais este cântico de acção de graças: «Nosso Senhor não me tem faltado e os cem por um do Evangelho não são promessa vã! Posso, neste aspecto, depor com inteira verdade.» O do plano decenal aí vai por três vezes. Cem para a Casa de Santa Teresinha, «pela salvação dos meus 4 filhos». A Casa do António e do Fernando fica em 8.800\$00.

Agora oiçam este filho:

«Com esta última «prestação» completam-se os 12.000\$

para a Casa Serafina e Biágio com que queria alegrar meus Pais nas suas Bodas de Ouro Matrimoniais que deveriam festejar-se em Outubro de 1966.

Não entendeu Deus fazê-los gozar em idênticas condições terrenas tal satisfação, mas a morte de minha querida Mãe não só me não fez desistir da ideia como me levou a apressar a «construção» e assim pude abreviar de 4 anos essa oferta.

São às vezes estranhos os desígnios de Deus, mas sempre grandiosos, profundos, divinos para a nossa acanhada compreensão de míseros mortais.

Em relação à Casa eu pedia o mais humildemente possível o seguinte:

a) Chamar-se a Casa Serafina e Biágio.

b) Situar-se o mais próximo possível de Lisboa.

c) Ser entregue a quem muito bem entender no dia 14 de Outubro p. futuro.

d) Ser-me comunicada a sua localização, indicações sobre o seu ou seus moradores e a data da entrega se a proposta por mim, não puder efectivar-se.

Eu sei bem, Padre Carlos, que pode haver dificuldades na satisfação destas petições: elas são só humildes petições que resolverá como entender.

Que delicadeza!

O Casal-assinante de Aveiro, aí volta e fica na 48.ª prestação de 300\$00 para a Casa de Nossa Senhora do Rosário.

Querem ver outra presença em beleza?!...

«Junto 1.000\$, última prestação das doze que prometi enviar, e já há anos venho juntando com bastante sacrifício abstando-me de muitas coisas que me era agradável possuir, e até mesmo necessárias.

Com que satisfação eu vejo chegar ao fim que tanto ambicionava, receando não poder concluir. Mas não ficarei por aqui; continuarei pedindo a Deus e ao nosso bondoso Pai Américo que nos dê saúde e que nos ajude para podermos ajudar os nossos infelizes irmãos do Calvário.

Faço este mês, dia 27, as Bodas de Prata de casada, peço-lhe a esmola duma Avé Maria. Um outro pedido lhe queria fazer. A casinha do Património dos Pobres, tem o lindo nome escolhido por V. Rev.a — Casa Pai Américo — como elas costumam levar uma placa, eu pedia me dissesse quanto importa, e prometo logo que me seja possível enviar a importância.

Agradecia me dissesse no jornal apenas isto, recebi e custa X a placa.»

Ora aqui tem como recebi. A placa não custa nada. A Fábrica Carvalhinho e outra de Coimbra sempre no-las têm oferecido.

E fechamos com outro testemunho. É da Beira, assinante 32.699.

Mais uma vez a escreverei para lhe dar notícias minhas e enviar aquilo que o meu egoísmo foi capaz de contribuir.

Junto incluso um talão de depósito de 1.200\$00, pedindo o favor de lhes dar o destino indicado no verso do mesmo talão.

Este ano fui beneficiado com muitas horas extras e desta maneira pude contri-

buir com mais tijolos para a casa que me propuz construir por intermédio da Obra da Rua, ou seja, Casa Nossa Senhora da Boa-Hora. Ainda agora fui promovido à categoria imediata, quando já tinha perdido quase as esperanças de o ser.

Isto afinal só vem provar o lema, pelo Senhor Padre Carlos enunciado de que Deus paga com juros de 100% tudo o que fizermos pelos nossos semelhantes. Deus seja louvado, pois. No fim do ano depositarei, aqui na Beira, no B. N. U., a importância de mil escudos equivalentes ao meu aumento na promoção, conforme tinha prometido e farei sempre que for aumentado.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A VOZ DOS LEITORES — Um postal de Lisboa merece especial atenção. Aqui está:

* Por JÚLIO MENDES

«Sempre que os rapazes estavam à porta da Basílica da Estrela (a minha freguesia) a vender o «Famoso», eu o comprava. Portanto, o Gaiato e eu somos velhos amigos; mas, não vá acontecer escapar algum número (o prejuízo era meu)... prefiro ir pelo seguro e fazer-me assinante do vosso (do nosso) jornal. Envio também o nome e morada de um novo assinante, com muita pena de não ser antes uma longa lista de nomes.

Pedia o favor de me informarem quanto ao modo de pagamento. Já li num dos números do Gaiato qualquer coisa a esse respeito, mas não me lembro. E agora entre tantos jornais, como saber em qual deles foi?

Muito obrigada vos fica a que reza por vós e pede também as vossas orações».

Ó simpatia! E precaução: como pode «acontecer escapar algum número... prefiro ir pelo seguro». Muito bem! O pagamento, repetimos, é como, quando, o que e se puder — velha fórmula de Pai Américo.

PORTO/LISBOA — A capital vai bem representada, com gente de todas as condições. São crentes e os que se afirmam descrentes. Talvez porque nunca souberam, nem sentiram a verdade do Corpo Místico de Cristo — os Pobres, nossos irmãos, são a imagem de Jesus-sofredor. E, neste aspecto, que revolução nas almas tem o Famoso operado, qual Desordeiro, ao longo do seu historial!

De entre as presenças lisboetas é justo destacar uma lista com sete novos leitores, da Praça Luís de Camões. E, independentemente da carta transcrita no topo da Campanha, mais esta:

«Arranjei mais um assinante para o vosso jornal «O GAIATO» para o que mando um cheque de 50\$00 para cobrir a as-

sinatura do dito até ao fim do ano de 1963, portanto em todos os Janeiros de cada ano será retribuída a respectiva importância da assinatura. Considero que a melhor forma de não haver esquecimento seria cada assinante ao começar o novo ano saber que também se começa a vencer a sua assinatura de «O Gaiato».

Ora aqui está uma sugestão de aproveitar. Por isso mesmo segue na íntegra.

O Porto não perde o entusiasmo! Segue com boas presenças e acaça perfeitamente:

«Aí vão mais duas assinaturas do Famoso. Graças a Deus os assinantes que tenho arranjado são de ler e pagar».

É assim mesmo, sublinha o Sr. Padre Carlos. E diz tudo!

*

DO MINHO AO, ALGARVE — É um mar de gente! Preciso são numerosa e cheia de fé e entusiasmo. Quando ela passa, estremeçemos d'alegria interior!

À frente, a Base Aérea n.º 2, da Ota. Depois, é Queluz, Rebordões (Santo Tirso) e uma lista pesadíssima, com gente da Regada, Lisboa, Moçambique e Mação. A seguir, um simples postal indica dois novos leitores de Águeda. E mais Torres Novas e Pereira (Mourinho), Aveiro e Coimbra. Agora, atenção a Olho Marinho:

«Venho comunicar que conseguí mais uma assinatura, a 3.ª, e creio que são todas boas, pois são dos que lêem e pagam. Pego o favor de enviarem já o último número».

Ó dedicação! Mais Lousada, Gaia, Braga, Amares e uma grande lista, pela mão de um africanista amigo, com novos assinantes de Pesseguero do Vouga, Assequins, S. Martinho, Sernada do Vouga, Mourisca do Vouga e Águeda.

Cantinho dos Rapazes

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Atenção, Rapazes. Estas literatas senhoras, pelos vistos, são espíritos de «vida fácil» que procuram lisonjear quem as procura. O padrão da felicidade para elas é o que nos apraz. E é falso. Felicidade é o estado de todo o que goza de paz de consciência. E esta Paz é feita de fidelidade à LEI. E a LEI diz-se num verbo: AMAR. E amar é DAR, é dar-mo-nos — muito mais que recebermos.

Quase sempre os infortúnios matrimoniais são fruto de uma leviana preparação e concepção de tão sagrado estado. O nosso Povo afirma em sua sabedoria ingénua (Aquele verdade que o Evangelho diz provir da boca das crianças): «Antes que cases, olha o que fazes». Olha, sim senhor. Olha e torna a olhar, com os olhos muito abertos. Não só, nem tanto, os da cara, como os da inteligência. No amor verdadeiro existe o cálculo. Se não existisse seria irracional; não era acto humano. É o que não é a maior parte dessas poucas vergonhas que testemunhamos todos os dias (mais nas altas esferas do que no povo-Povo) — a que, por cúmulo de inconsciência, dão o rótulo de amor.

Não há amor sem dor. Esta é a medida do amor; a prova real do amor verdadeiro. Quando te prometerem diferente, meu Rapaz, mentem-te e prendem-te na teia da mentira e arrastam-te à ilusão que conduz a nada e a nenhures.

«Antes que cases, olha o que fazes»!

«Pára, olha e escuta»...

Escolhe. Deita contas ao futuro, que o amor não é só pró dia de hoje. Merece no sacrifício a quem amas, o que há-de receber da tua amada. E serás feliz!

CHALES DE ORDINS

Há um sonho em cada coração: ter alguém ao nosso lado. Há um desejo em cada alma: nunca ser abandonado. Dai a cada homem um amigo e acabará o infortúnio. Todos queremos quem nos escute. Todos desejamos quem nos compreenda. Todos esperamos alguém com quem desabafar. Há pobres ricos de Amigos e ricos pobres de amizade. Muitos e muitos homens são menos bons, assassinos, ladrões, desaperados ou desiludidos porque se convenceram que não eram bons e que já não há quem se aproxime deles a não ser para os perseguir. Em todos vêm um inimigo. No seu isolamento nasce o desejo da vingança. E, fazem o mal porque não têm quem os ensine e os ajude a fazer o bem. Se todo o homem tivesse quem confiasse nele; se todo o homem visse e sentisse no próximo o Próximo, o Irmão, ele sentiria a necessidade de amar. Todo o homem leva

uma Cruz: uns pelo caminho do Calvário, para o sacrifício; outros pelo caminho da fogueira, para o suicídio.

Demos a uns um Cireneu; aos outros um anjo da guarda. Melhor, sejamos nós esse Cireneu e esse anjo da guarda. Há muitos caminhos na vida, mas também há muitas vidas sem caminho. Porque não as orientamos?

Pela graça de Deus sou padre. A minha vocação levou-me ao banco do confessor e ao leito dos moribundos. Quantos eu encontrei com a morte na alma porque não lhes dei o alimento do corpo. Tantos com a morte a tomar-lhes o corpo com o desespero na alma.

Que palavras tive para convencer alguém de que não vivia esquecido! Queixava-se da solidão em que o deixaram os parentes e vizinhos. E esse tinha uma alma grande onde eu vi a mão de Deus. Tinha uma alma

de Irmão, filha do mesmo Pai que está no Céu.

Mas também vi um olhar tranquilo no leito da agonia. Quando lhe ofereci a minha ajuda material, respondeu-me com um SORRISO alegre que tinha muitos amigos. Tinha amigos... tinha tudo. Uma alma irmã da sua alma. Um coração que sentia o bater do seu CORAÇÃO. Umas mãos que apertavam as suas mãos. Tinha quem o ouvisse e tinha quem lhe falasse.

Que bela a amizade... a amizade pura, cristã!

x x x

Bons Amigos, por aí não está frio? As tecedeiras fizeram muitos chales, mas têm sido muito poucas as encomendas para eles. Assim, são fracas e tristes as perspectivas para o Natal. Os chales, as camisolas, os cobertores, as carpetes, os tapetes, as mantas e colchas estão à espera que os convideis a partir. Não se esqueçam de Ordins.

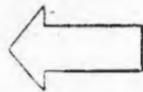
As aprendizes agradecem a ajuda para os novels, a generosidade de Carviçais e os 10 quilos de desperdício de nylon de Lisboa.

São muito quentinhas as camisolas de Ordins. Foram seis para Bragança, três para Lisboa e mais uma meia dúzia foi com as visitas.

Pelo correio seguiu um chale para Alcanena, um para Aveiro, um para Cantanhede, um para o Estoril e dois para Lisboa.

Para Foz Côa foi um coheritor. E, que lindas são as carpetes! De Paços de Ferreira mandaram dizer que satisfez por completo.

Padre Pires



Que bem representada a região do Vale do Vouga!

A procissão continua! Passa S. João das Covas (Lousada), Valpedre, Escariz (Paços de Ferreira) e Livração, indicando um rol de prováveis assinantes. É um método fácil — mas que desaconselhamos. Porquê? Nada melhor que preparar, pessoalmente, o terreno. E só depois de uma annência formal se deve pedir a assinatura. É mais elegante, mais simpático — mais d'acordo com a tradição do Famoso.

Ainda passam devotas e devotos. Temos Paço de Sousa!, Barcarena, Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira (Ó Ribatejo!), Torres Vedras, Carrazedo de Montenegro, Beringel, Peniche. Ruães (Braga), Famões (Odivelas), Setúbal e Vila Real, que afirma:

«Rogo o favor de se dignar enviar-me «O Gaiato», incluindo-me, assim, no número dos assinantes desse Jornal, a partir deste dia — dia do aniversário do saudoso Pai Américo».

Ora vejam, senhoras e senhores, como o nosso querido Pai Américo trabalha no Céu — pela Obra que Deus fez nascer em suas mãos!

ULTRAMAR — De Angola, apresenta-se um Militar, pela mão de seu padrinho:

«Aproveito a ocasião para inscrever o meu afilhado de guerra como assinante do vosso Jornal. Falei-lhe de vós e da vossa Obra e ele, como admirador que é dela, pediu-me para ser assinante do Jornal «O Gaiato».

Moçambique é uma fogueira constante, em prol do Desordeiro! São cartas espumantes, como esta de Inhambane:

«Mais uma assinatura!!!

Todas as que vos tenho enviado são conseguidas através do Famoso! Depois de o ler e meditar empresto-o a pessoas amigas... De quando em vez lá «cai» uma, ferida pela doutrina que o mesmo encerra.

Já conseguí assim umas dez. Não são tantas, quantas, mas há sempre corações que correspondem. Sempre foi assim. Por isso a parábola de Semeador...

Às vezes tenho pena de não coleccionar o «Gaiato» mas desta maneira não terá o nosso querido «Desordeiro» maior utilidade?»

Tem sim, minha senhora. E se precisar de vários números do Desordeiro, basta só apitar e responderemos imediatamente. Entretanto, que Deus abençoe a missionária acção a que meteu ombros.

Os portugueses da Costa Oriental ainda não pararam! Temos mais uma presença de Gândola. E outra de Matacuane:

A minha mulher conseguiu uma nova assinante para o Gaiato. Trata-se de uma Senhora que não pratica nem é casada pela Igreja, mas que tem bons sentimentos. Queira Deus que o Gaiato lhe faça algum bem. Eu peço muito a V. que o Gaiato lhe comece a ser enviado com a maior urgência».

Ontem, como hoje, o Famoso é o mesmo. Anda na mão de todos! Não se lhe dá de côr, de credo, de política. O que lhe interessa é que o mundo se apaixone por Cristo, na pessoa dos nossos irmãos Pobres. Eis.

Júlio Mendes

TRIBUNA de Coimbra

ESTE

ano a vida da nossa Casa de Coimbra é uma vida toda de lar académico. Todos são estudantes, menos o cozinheiro de doze anos e outro que tem o diploma do curso geral de Enfermagem e presta serviço nos Hospitais. É uma casa cheia de vida e movimento desde as seis da manhã até à meia noite. Não há horas mortas durante o dia cheio. Mesmo quando todos estão fora, o Manteigas, mais Sissi cantam ao desafio, cada qual na sua obrigação. A Senhora tem sempre a mesma queixa: Chego à noite com a cabeça moidinha.

Cinco dos Rapazes frequentam o curso dos Liceus no Colégio Pedro Nunes, onde temos abertas todas as portas e os corações, e fazem também os trabalhos caseiros. Dez trabalham no comércio ou em oficinas durante o dia e à noite frequentam os cursos nocturnos da Escola Industrial e Comercial.

Na Escola encontramos, como sempre, braços abertos e seu Director, um dos primeiros a dar a mão a Pai Américo, tendo sido de um carinho extraordinário. Também o Sr. Ministro de Educação nos deu uma prova de muita compreensão.

Queremos e lutaremos para que todos aproveitem os meios de valorização ao seu alcance. Não basta termos bons trabalhadores. É necessário que os bons trabalhadores trabalhem com alguma técnica. Também não basta termos técnicos. É necessário que a uma boa inteligência ande ligada a uma vontade firme de trabalho. Só da inteligência desenvolvida e da vontade trabalhadora pode vir um perfeito progresso social. De contrário, teremos ou parasitas, ou burros de carga.

Estes dezassete rapazes, na flor da vida, ocupariam todo o meu tempo. Mas só lhes posso dispensar uma ou duas vistas de olhos por semana, embora os traga sempre muito presente no coração.

P. S. — Temos três rapazes no curso Comercial e necessitávamos de os ocupar em serviço de escritório. Um tem 17 e os outros 14 anos.

Quem lhes quer abrir a porta de um escritório tirar-me assim uma aflição grande que trago dentro do mim?

Padre Horácio

Filhos de Pai incógnito

Noutro dia fomos a casa de pessoa muito Amiga. Sentámo-nos junto do leito onde o corpo descansa da enfermidade. Num dado momento da conversa, falámos das criadas de servir, dos seus problemas, dos «cercos» que lhes fazem este e aquele para as seduzir...

Ora, eu sei do esforço que esta senhora faz por via de educar a sua criada, e do sofrimento tido, porque uma outra caiu na sedução e no engano. Eu digo educar, porque com carinho de mãe, porque lhe diz dos perigos e das fingidas amizades que tantos e tantos põem nos lábios, para melhor sedução: mããs podres que tentam contagiar as boas. Tem sido assim através dos anos, ao ponto de hoje, se ter como um necessidade física a incastidade dos rapazes. E são médicos a atestar isto; e são pais que estimulam os filhos; e é a Sociedade que tolera! E foi assim, à força do hábito, que se criou um vício, que é hoje tido como «indispensável». Vamos deixar seguir como até aqui? Não, nós não podemos permanecer no erro, sabendo e fingindo igno-

rar. Eu li há pouco num jornal que era preciso criar uma nova mentalidade na juventude. Pois não é preciso criá-la, porque desde há muito que ela foi criada. O que temos é que a relembrar a cada instante, ensinando a proceder como manda a LEI. E esta lei maiúscula é só uma. Não tem duas faces, como as coisas feitas pelos homens. Experimenta tu que tens criadas, ver na tua serviçal uma filha; tu, que és patrão, na fábrica ou no escritório, põe no lugar das tuas empregadas, uma das tuas filhas, a tua esposa, ou mesmo a tua mãe. Que dizes: gostarias que elas fossem desrespeitadas e insultadas?

Aqui está toda a ciência da LEI: o AMOR. E não há «indispensabilidades», porque isto provém de um hábito que nós próprios fomos construindo e tutelando. Hoje é um vício, uma aberração doentia a que só a LEI pode pôr mão. Peguemos nós nessa Lei, e levantemo-la à guisa de escudo, e façamos guerra ao «indispensável» e à «necessidade física».

ERNESTO PINTO

BELÉM

Caminha-se rapidamente para a celebração do quarto aniversário de «Belém» e, tal como no Advento de 58, é grande a nossa expectativa.

Iremos já festejar essa data na tão desejada e falada Casanova? Por enquanto não o sabemos. Se tal vier a acontecer será um milagre. Um milagre de Fé! Tal como o nascimento de Belém foi um milagre da Fé, a marcha deste no sentido de realização integral dos seus fins é o prolongamento desse mesmo milagre.

Continuamos a esperar que cheguem antes do Natal, pelo menos, os contos necessários para completar a primeira prestação.

Continuamos a esperar que o Pai do Céu nos mande as colaboradoras indispensáveis à desejada ampliação de «Belém».

Esperamos sempre o carinho e a ajuda de todos os nossos Amigos e de muitos outros que não têm de vir trazidos pelos primeiros.

continua na página QUATRO

TOJAL

SELOS USADOS — Dizíamos nós no último número, que a Campanha ia de vento em popa. E ia. Mas esmoreceu um pouco durante os quinze dias que se lhe seguiram. Nós temos pena mas compreendemos. Compreen-

Tristão, mas não é); outra vez Lisboa, da Rua Diogo Bernardes, 16; de uma assinante de Barrancos também recebemos uma encomenda de selos; duas vezes a presença de Ana Maria Pedreira, de Lisboa. Mas quem disse que a Capital não sabe corresponder às nossas campanhas? Duma Casa de Miudezas de Ovar, uma encomenda

se recordam, pedia para que todos os pais que zelam os interesses e bem estar dos seus filhos fizessem coro para se pôr cõbro a este desaforo e pedia-se ainda às autoridades responsáveis a solução deste ruidoso problema. Já

do em nossa Casa, vencemos por 9-3. O segundo, disputado em Setúbal, empatámos por 2 bolas. Foi assim que trouxemos entre alaridos de triunfo mais uma para a colecção.

No passado domingo, a nossa equipa principal, foi jogar ao campo dos Arcos, defrontar a do G. D. «Os Pescadores». Empatámos a 2 bolas, um jogo



PELAS CASAS

DO GAIATO

demos que a Campanha fez remexer em muitas gavetas e caixas onde havia selos para coleccionar ou simplesmente guardados para qualquer entretenimento e que, esgotados estes, os nossos amigos se lançaram em busca de mais para nos enviarem depois. As campanhas são feitas desta maneira e temos de concordar que esta é mais simples e prática. Mas quando dizemos que ela esmoreceu, não dizemos que parou. Não senhor. A campanha só parará quando não existirem mais selos em Portugal. Porque enquanto a nossa Tipografia puder meter máquinas para melhorar a aprendizagem dos nossos rapazes, necessitaremos da colaboração indispensável dos nossos leitores. Assim poderemos construir com migalhas aquilo que não podemos com grandes verbas. Cada vez se torna mais difícil. Esperamos por isso migalhas e selos usados.

Dito isto (aliás indispensável), vamos ao rol das presenças nesta quinzena: Da Rua Marechal Saldanha, da Foz do Douro; de Lisboa, entregues aos vendedores; mais de Lisboa, entregues no Montepio; novamente de Lisboa de Adílio Gonçalves Presa; agora é o casal de Gaiatos de Coimbra, Isolda e João (Eu até pensava que fosse

engraçada; de Alhos Vedros, o Sr. António Simões marcou presença; mais Lisboa, de José Alega. E agora até me apetece respirar fundo... estou atrapalhado por não saber o que dizer de uma encomenda que veio da Mobil! Era quase tudo de 20\$00, 10\$00 e 5\$00. Que ricos selos. Eu sei que o Quadro d'Honra é para estas encomendas. Mas é pouco. A categoria dos selos é muito grande. Não sei o que dizer... Esperamos que nova encomenda no-lo inspire.

Terminado o rol, diremos que a campanha já rendeu 1.400\$00, — produto da venda dos selos chegados até ao dia 17 de Novembro. A máquina custou 296.000\$00! Já foram entregues 130.000\$00. Faltam 166.000\$00!!! Como havemos de pagar? Migalhas e selos usados para a Campanha. Mais nada.

MUITO IMPORTANTE —

Não sei o resultado do apelo lançado no nosso Gaiato acerca da inconveniência dos tiros de morteiro nas festas que as freguesias costumam organizar. Se bem

lá vai um mês. Não sei o resultado. Sei apenas que há 15 dias, ao mandar para o ar uns foguetes para anunciar um programa de Fados uma cana de foguete caiu e ficou espetada na chaminé de minha casa. Ora no quintal costumam os meus filhos brincar e isto quer dizer que nem em casa os nossos filhos estão em segurança, porque além do susto dos estouros se lhes poderá abrir a cabeça com uma cana de foguete.

Pergunto eu. Não será suficiente este caso para que se possa acabar com os tiros de morteiro? Vamos a ver. Eu temo pela saúde de meus filhos. Eles e mais milhares de crianças merecem todo o nosso carinho e respeito.

AGRADECIMENTO — Há muito que andamos para dar notícias nesta crónica, da generosa oferta das Tintas Lorilleux. Não o fazemos para reclamar porque os artigos de categoria não precisam dele. Fazemo-lo porque sentimos a obrigação de, por intermédio destas pobres linhas, agradecermos com muita sinceridade à Gerência da Lorilleux a sua generosa oferta. A todos o nosso muito obrigado.

Candido Pereira

emocionante. Bom resultado da nossa equipa, dada a fortaleza do adversário. O público aplaudiu muito a nossa equipa pelo apego e desportivismo com que os nossos mais «miúdos» jogavam.

— A hora que vai das 6,5 às 7,5 é o tempo destinado à catequese e ao estudo. O nosso rico salão de festas e recreio, transforma-se em sala de estudo para os maiores. Eles estão avisados, que hoje é preciso saber alguma coisa para se poder ganhar a vida. Que saibamos reconhecer e tirar proveito do bem que temos.

ERNESTO PINTO

PAÇO DE SOUSA

Já há muito tempo que não escrevemos para o nosso «Famoso». Retomamos a nossa habitual secção para contar aos queridos leitores o que se passa cá pela Aldeia.

MUITO OBRIGADO a todos os que me acompanharam no passo do casamento. As nossos padrinhos Senhor Doutor Vila Real e Senhora D. Maria Margarida. Senhor Sá e sua esposa, Senhora D. Ema. Ao Sepadre José Maria, do Tojal, que andou com os *meninos a passear* na nossa bela capital e arredores... Ao Senhor Padre Acílio que se desfez em amabilidades e teve de *perder* tangerinas e favas! Ao Sr. Padre Velhote — Sepadre Horácio — que foi como *manda a lei*. Aos irmãos casados, muito em especial ao Avelino e Cândido que é justo destacar. A todos os que nos querem bem e mal!

Saudamos todos os leitores e se quiserem mandar alguma prenda é sempre a tempo. Nós cá estamos... todos sabem o caminho de Paço de Sousa!

CARAÇAS. Hoje foi meia dieta cá em casa. Ninguém comeu sopa e a malta queria ir-lhe *aos fagotes!*...

Ao lavar a hortaliça na copa, o Senhor Caracás deixou ir um pedaço de sabão junto... Foram três prejuízos: os que não comeram, o sabão que se perdeu e o Caracás que levou um *revistório!*...

TEATRO. No Natal vamos ter uma consoladela. Américo chefe, que cá em casa também é conhecido pelo «Iglésinhas», por ser o mais *aferroado* adepto daquela artista, lá anda de papéis na mão, vira que vira, os outros todos animados, e com pena de não ter começado ainda o «ensaio de cor». Cá é assim!... E ele, o teatro, na noite de 24 de Dezembro, lá vai aparecer, tanto faz de papéis na mão, de cor ou salteado mesmo, o que é preciso é que apareça alguma coisa!

TIPOGRAFIA. Agora mesmo o Júlio dá recado: «Não esqueças de meter um anúncio da Tipografia. Diz que nós fazemos de tudo. Que é preciso mandar para cá muito trabalho. Muito trabalhinho. Olha que nós queremos estar sempre a andar...»

que estamos neste assunto, aproveitamos o ensejo para agradecer ao Senhor Mendes da GUÉRIN (Porto), Lda, que tem enchido de alegria as nossas oficinas gráficas. Por agora é o nosso melhor cliente e promete ainda muito mais. Viva o Senhor Mendes!!!

GATOS — A gata do Alfredo teve mais dois gatinhos. Muito pequeninos.

Muito lindos. Muito gaiatos... Todo o mundo faz festa e pega neles ao colo. São realmente um amor que a todos encanta. Até os grandes gostam de fazer festas, brincar, amar mais o que é nosso.

Está o Tinhosito e o Caetano que não sabem o que lhe *bão-de fazer*, de tantas carícias e diz o último:

—Que lindos! Não sabes que são de terylene?

Só faltava mais esta, mas tudo o que eles dizem bate certo e o resto não interessa. É lei. Os gatinhos, tão pequeninos, que nos fazem lembrar o nosso Alfredo que já morreu e era o nosso antigo cozinheiro... São de terylene e pronto. Pois...

daniel

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

RESPOSTA AO S. O. S. — Temos aqui um postal que muito nos apraz dar à estampa. É de um Anónimo ou Anónima, do Montijo:

«Desejo para si e para todos saúde, felicidades e a graça de Deus. Escrevo acerca dos remédios para a Conferência da vossa Aldeia. Não vos seria possível publicar no «Gaiato» os nomes dos medicamentos que precisam com mais frequência? Estou quase certa que se o fizessem eles apareceriam aí com fartura. Ainda outra pergunta: se vos enviasse remédios ao acaso servir-vos-iam para alguma coisa? Teriam quem vos indicasse em que casos se empregariam e como eram tomados? Aguardo uma palavra vossa no Jornal».

Ora aqui tem, prezada ou prezado amigo, os medicamentos que os nossos Pobres mais necessitam — *antibióticos e tónicos*, para todo o género de doenças. E, claro, das mais variadas marcas e composições. Que a nossa farmácia é um *servidoiro!* Quanto aos *remédios ao acaso*, sim senhor, pode fazer o favor de mandar. Nós temos médico.

O QUE RECEBEMOS — De Tomar, 20\$ de um médico municipal. Da assinante 1103, 50\$00. Mais 20\$00 da Beira, «pela intenção da alma de meu Pai, que Deus chamou a Si com todos os Sacramentos». E mais 20\$00, de Vila Moreira. O mesmo de algures, «com o pedido de uma Avé Maria por uma intenção particular de pessoa de família». Duas vezes 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. E mais 20\$00 de Maceira Liz. E mais 50\$00 da C. P. 480, da Beira. Viva a Beira! Temos, agora, «um pacote com uma lembrança para a Conferência. Não direi mais nada, pois o mais importante já possui — a certeza de que estou envolvido nas vossas orações». Que valor tem a Fé! De algures, «com votos de me, nos pobreza», 20\$00. Por intermédio da primeira licenciada das nossas Universidades — que mantem pela nossa Obra uma amizade extraordinária — uma migalhinha para os nossos Pobres. Deus lhe pague. As costumadas presenças da assinante 17022. Mais 100\$ de A. F., como aumento de ordenado. Os nossos parabéns. Mais 10\$00 de uma Senhora muito amiga, da Murtoza. E mais 10\$00 de Milheirós — Maia, pela mão de um vicentino de Rio Tinto. E 5\$00 de uma cliente da nossa Tipografia. Finalmente, 20\$00 de Torres Novas.

Júlio Mendes

★ BELEM ★

Continuação da terceira página

Sabemos que podemos contar com todo o apoio e compreensão do Senhor Ministro da Saúde e Assistência.

Esperamos ainda alguma ajuda da Fundação Gulbenkian, no próximo ano, que já não tarda.

O que tem dificultado a realização dos nossos planos sobre a Casa Nova tem sido, precisamente, a falta de fé no *milagre*. São poucos, infelizmente, os capazes dum acto puro de fé e só esses ganham ânimo para marchar em frente e marcar presença na hora própria, sem hesitações nem delongas. Quanto aos outros, vão-se ficando encostados, à espera de descobrirem, com os seus olhos mortais as probabilidades de bom sucesso. Só depois ganham ânimo, fazem peito e marcham atrás dos primeiros, deixando-se contagiar pelo seu entusiasmo.

É por isso que... *quanto menos, menos e... quanto mais, mais.*

Eu já mais de uma vez me surpreendi perguntando a mim própria quando será que o bolo destinado à Casa Nova atingirá o volume necessário para convencer mesmo os mais incrédulos de que não virá em vão a sua quota parte que está a fazer falta.

Mas... «os que esperam no Senhor não serão confundidos».

Entramos no tempo santo do Advento e Deus espera de nós a boa vontade e o esforço necessário à preparação do Natal de Jesus. Só assim podemos colher graças idênticas às concedidas por Ele aos Pastores e Reis Magos.

Peçamos-Lhe que nos mostre os Seus caminhos e nos instrua nas Suas veredas e Ele nos atenderá. Então, a nossa fé se tornará mais pura, a nossa esperança mais sólida e a nossa caridade mais ardente.

Veremos e sentiremos que o cuidado dos Pobres e Desamparados é caminho seguro para chegar até Ele. E os Pobres se tornarão menos pobres, os Abandonados conhecerão Amigos e os ricos subirão ágeis pelo caminho que leva ao Presépio.

Belém continua sendo o mesmo presépio vivo que tem sido desde o seu nascer, há-de, por força, tirar grande proveito deste esforço a que o Precursor nos convida para podermos *endireitar os Caminhos do Senhor*.

E que, por graça deste mesmo Senhor, ainda no presente Advento eu possa ter a alegria de vos dar aqui a boa notícia há tanto esperada pelos que verdadeiramente amam «Belém».

INES — «Belém» — Viseu

SETÚBAL

Estou na oficina. Ouço passos no sótão. Depois é uma cantiga que se ouve; ponho-me à escuta: É o Sr. Padre Acílio que anda a mirar a maneira de alargar a oficina de marcenaria.

Ele já me disse — e a mais alguém — que ia apetrechar com máquinas a minha oficina. Ele tem muita vontade, mas...

Ouçam esta cantiga que ele inventou quando andava a ver a maneira de alargar a oficina:

Mas aí quem me dera, quem me dera ter dinheiro. Para fazer estas obras, para o mestre marceneiro.

E o «aí quem me dera» fazia eco cá nos corações da oficina!

—Aqui há tempo, apareceu cá em casa uma cadelita de luxo, vinda não sei de onde. Ela, que tinha de ir embora porque nós não temos albergue para caninos, ficou, pelos afagos que os nossos mais pequeninos lhe dão. Acompanha-os pró trabalho, pró escola, pró refectório e até pró Capela. Não faz barulho. Não gosta da presença dos maiores, e fuge sempre pró pé dos mais pequenos. Não admira, porque são eles que mais carinhos lhe dão. Como nós podemos aprender daqui!

Também nós, fugimos pra quem mais afecto nos dá.

— *Futebol e ginástica*. Todos os domingos de manhã, a ginástica é uma obrigação cá em casa. Senhor Padre Acílio, que por necessidade da nossa Obra deixou de ser Prior de Marateca, não quis estar parado, e então é o nosso professor de ginástica. Já vamos sentindo os efeitos nos músculos e em todo o físico.

Em dois desafios, foi disputada uma taça, entre a nossa equipa de Júniores, e a equipa dum dos bairros de Setúbal. O primeiro encontro, disputa-